

# MINHA EXPERIÊNCIA NO I FESTIVAL DE VÍDEO DO CAPÃO DO LEÃO

**Nikoly Barboza Garcia**  
*E.M.E.F. Profª Delfina Bordalo de Pinho*

Meu nome é Nikoly Barboza Garcia, tenho 15 anos e atualmente no ano de 2017 estudo na E.M.E.F. Profª Delfina Bordalo de Pinho. Já tenho todo meu futuro planejado, sonho em fazer direito, ser uma advogada e sinceramente nunca me passou pela cabeça participar de algo relacionado à teledramaturgia. Eu sempre participei dos teatros da escola e jamais passou disso, até que a professora Josiane nos apresentou o projeto do I Festival de Vídeo Estudantil do Capão do Leão.

No início eu levei na brincadeira, não compareci as primeiras conversas de grupo que a professora realizava todas as segundas-feiras à tarde, mas com o passar do tempo pude perceber o empenho dela, decidi participar do projeto. Então nos dividimos em três grupos após isso começamos o trabalho. Dei início ao roteiro, mas para escrever um roteiro é necessário ter um tema, eu precisava de algo interessante, algum assunto que de alguma forma tocasse as pessoas, e como

estávamos em um ambiente escolar, surgiu o tema bullying.

Mas para mim só isso não era suficiente, como muito romântica que sou, decidi incrementar com um pequeno romance para deixar o curta mais emocionante, e o bullying de alguma forma todo jovem já sofreu com essa barbaridade tanto dentro quanto fora de um ambiente escolar, e isso sempre deixa marcas, mágoas, medo, e por outro lado todo mundo já se apaixonou e se não, calma sua hora irá chegar!

O curta indiretamente descrevia um capítulo real da vida das personagens principais, eu, por exemplo, no sexto ano sofri bullying, era horrível ser humilhada diariamente, ser insultada simplesmente por não ser como “elas” achavam que eu deveria ser. E ainda, sobre decepção amorosa eu e a minha amiga damos aula, então ficou muito fácil trabalhar com o tema.

Não tínhamos condições profissionais

para executar nosso trabalho, mas sempre improvisamos, era tudo um tanto complicado, mas nos últimos dias cheguei à conclusão de que nada na vida é complicado, nós é que complicamos. Às vezes tínhamos alguns problemas com o cenário, câmera, parte artística, com atores, mas no final tudo dava certo.

Foi uma experiência maravilhosa, talvez uma das melhores da minha vida até agora, algo inovador, desafiador e como sou uma pessoa que gosta de desafios me apaixonei pelas câmeras. Esse projeto, ele foi além de uma simples junção entre colegas que estavam participando do mesmo trabalho, ele foi a verdadeira prova que “a união ganha força”, assim como não existe um time de futebol com apenas um jogador, não existe um curta por mais simbólico que seja, só com um ator ou apenas um diretor é necessário um elenco, e para que isso fosse possível, nos tornamos um só, nos unimos e isso fortaleceu o vínculo que existia entre nós, nos tornamos mais que colegas, amigos.

Para mim não foi tão fácil atuar como agressora, pois no sexto ano recebi apelidos muito constrangedores e sei o quanto isso machuca e traumatiza. Sabia que aquilo não era legal e posso dizer que humilhar, difamar uma pessoa não tem a mínima graça. Mas apesar de tudo eu amei meu personagem “Francesca” a “Fran” uma menina que apesar de ser metida,

entojada no fundo tinha um coração bom, só que por medo do que os outros fossem pensar optou por ser uma menina cruel que não se importava com os sentimentos alheios.

Já sabia qual era o sentimento consequente de cada situação, portanto conseguia descrever exatamente e tentava passar da forma mais fiel para os espectadores do curta todo o enredo. No final do curta, tive a sensação de dever cumprido, uma satisfação sem tamanho ver que aquele esforço todo tinha valido a pena.